



CLICK & COLLECT

Na verdade, já não se “clica”, nem se coleciona: o disparo tornou-se uma *feature* silenciosa num *touchscreen* e as fotos de outrora com curadoria exímia hoje são escolha indiferenciada, arquivada em gigas de espaço. Multiplicámos o espólio de imagens, mas será que a abundância está a matar um legado de memórias? Aquela que é a geração mais fotografada será também a que recordará menos?

Por Sara Andrade.

REFLEXÃO

Há uns tempos, parti o vidro do telemóvel e coloquei o meu cartão SIM num *smartphone* antigo enquanto procurava resolver o ecrã preto que o meu aparelho passou a adotar depois da queda. Com algumas funções e *apps* obsoletas, uma consequência natural da velocidade dos tempos que correm na tecnologia, explorei o rolo da câmara. Tinha imagens que já não me lembrava e que espoletaram uma série de memórias de viagens que se tinham dissipado na minha mente e que agora se reavivavam graças àquele rastilho. Uma sorte aleatória. Não fosse o infortúnio de ter estragado o meu telefone mais recente, provavelmente não teria voltado a ver aqueles *frames* guardados “para sempre” num rolo desatualizado da câmara. Uma frase curiosa, porque o “para sempre”, no que diz respeito à tecnologia, nunca é infinito; e falar em rolo da câmara é um anacronismo, porque os rolos, em digital, são apenas metafóricos. Não é infinito porque está sujeito à mudança dos tempos: por mais *backups* que se faça ou precauções que se tome, uma fotografia arquivada virtualmente está sempre sujeita à falibilidade da tecnologia e também à possibilidade da plataforma ficar ultrapassada e de acesso inutilizado. É verdade, o arquivo físico também se pode perder ou danificar, mas a sua raridade — ao contrário da potencial falsa sensação de eternidade e segurança do digital — torna-a talvez alvo de mais proteção e cuidado no armazenamento. A falta de curadoria possibilitada pelo baixo custo de se tirar uma fotografia digital implica que temos uma série de momentos acumulados em vez de um único *frame* especial e pensado, o que torna o rolo virtual da câmara em algo banal. Mas, quando era literalmente um rolo de película, cada imagem captada era cuidadosamente escolhida, para não se desperdiçar nenhum negativo. Hoje, é tão comum captar um qualquer momento, seja ele mundano ou especial, que a seleção de testemunhos diários deixou de ser seletivo e consequentemente inestimável.

“Vivemos numa era em que a fotografia está democratizada e a tecnologia permite capturar momentos com uma facilidade que seria inimaginável há algumas décadas”, começa por contextualizar Filipa Jardim da Silva, psicóloga clínica, autora e fundadora da Academia Transformar. “Com a transição das máquinas analógicas para as câmaras digitais e *smartphones*, a fotografia tornou-se não apenas mais acessível, mas também mais instantânea. Antigamente, tirar uma foto envolvia um certo ritual e mais formalidade: escolher o momento, tirar a fotografia sem saber exatamente como ficaria, revelar o rolo, e finalmente, imprimir e arquivar as imagens em álbuns físicos. Havia uma certa intencionalidade e uma expectativa associada a esse processo”, corrobora a especialista, confirmando que “hoje, essa intencionalidade parece diluir-se. As fotos são tiradas em grande quantidade, muitas vezes sem grande reflexão, e arquivadas digitalmente, onde ficam armazenadas em nuvens digitais, muitas vezes sem serem revisitadas”. Esta abundância, de facto, tirou alguma preciosidade à captação de momentos, porque é comum um qualquer ponto no tempo ter um registo fotográfico, desde um pedido de casamento ao que comeu ao pequeno-almoço. Essa infinidade de registos significa que ficamos lá para mais tarde recordar — mas quantas vezes regressa ao arquivo para o fazer? Vai rever o dia do seu aniversário quando o *scroll down* até lá chegar implica passar por dezenas de *selfies* e o *latte* de há três dias de todos os ângulos possíveis? “As fotografias digitais, por mais convenientes que sejam, trazem consigo uma fragilidade que as fotos impressas não têm. Dispositivos podem falhar, ficheiros podem corromper-se e as plataformas onde as imagens são armazenadas podem tornar-se obsoletas ou até

desaparecer, levando consigo anos de memórias digitais. Além disso, a proliferação de imagens digitais pode levar a uma espécie de sobrecarga visual, onde as imagens se perdem no meio de tantas outras, sem a devida curadoria que os álbuns físicos exigiam. Para as próximas gerações, isso pode significar uma desconexão com o passado. Sem acesso a álbuns físicos, a transmissão de memórias familiares pode ser interrompida. As fotografias impressas têm uma permanência que as digitais ainda não conseguiram replicar. O risco é termos gerações futuras que, embora estejam rodeadas de imagens, tenham poucas memórias autênticas, relevantes e duradouras, com histórias familiares que podem desaparecer por falta de preservação física e de intencionalidade na captação feita”, preconiza a psicóloga. “As fotografias, que funcionam como âncoras tangíveis para a memória, podem tornar as narrativas vívidas e mais conectadas ao passado”, ratifica Tiago Lapa, professor auxiliar e investigador no CIES-IUL, na área da comunicação, no Departamento de Sociologia da Faculdade de Sociologia e Políticas Públicas do ISCTE — Instituto Universitário de Lisboa. “São uma forma poderosa de transmitir histórias, experiências e identidades de uma geração para a outra. Sem elas, a continuidade narrativa dentro das famílias e das comunidades pode romper-se, dificultando a transmissão de memórias e a construção de uma identidade coletiva. E, como a fotografia digital tem um custo muito marginal, desvalorizam-se estas questões”, adverte o sociólogo, sublinhando ainda que “na era analógica, tirar uma fotografia era um ato mais deliberado. Uma fotografia, no contexto individual, podia ser um momento especial congelado no tempo, uma viagem, um aniversário, etc. Cada foto tinha um custo associado, o que incentivava uma abordagem mais ponderada e seletiva. A facilidade de captura e o baixo custo de cada fotografia incentivam a produção em massa de imagens. Esta abundância altera a relação que temos com as fotografias pois estas tornam-se descartáveis, com múltiplas versões do mesmo momento capturadas e rapidamente esquecidas. Isto cria imediatismo. Com a fotografia analógica há um intervalo de tempo entre o ato de tirar a foto e vê-la impressa, o que contribui para um senso de expectativa e valor”.

O contraste não se esgota aqui. Não é só o formato, é o seu conteúdo. Filipa Jardim da Silva alerta que “o tipo de fotografia mudou drasticamente. As *selfies*, por exemplo, refletem uma cultura mais centrada no ‘eu’, onde as imagens servem frequentemente para autopromoção ou validação social nas redes. Este fenómeno levanta questões sobre a natureza das nossas memórias e do que valorizamos ao capturar imagens. A fotografia passou de um meio de preservação de memórias a uma forma de expressão instantânea e algo egocêntrica, em algumas situações, e compulsiva noutras, em que a captação de imagens se torna tão automática que até nos retira do momento e prejudica a criação de memórias.” O sociólogo reforça a ideia, com uma adenda: “não acho que tenha sido a tecnologia em si que impulsionou a produção de fotos mais egocêntricas. A meu ver, essa vontade já existia e foi a vontade de as pessoas se autorretratarem que impulsionou a popularização de câmaras frontais nos dispositivos móveis e de outros aspetos do *design* tecnológico. Aliás, essa vontade já estava bem patente há muito tempo. Temos como exemplo os quadros em espaços domésticos abastados, onde se encomendam retratos da família ou de elementos individuais da família, sobretudo, do homem, chefe de família. Diria que foi uma cultura mais individualista, sobretudo ocidental, onde a visibilidade e a validação social se tornaram fundamentais que impulsionou modos de uso da fotografia digital, dos dispositivos móveis e das ferramentas digitais mais egocentradas. A mudança de foco para *selfies* ou fotos centradas no indivíduo pode ser interpretada como uma ferramenta para a construção e a manutenção de uma identidade digital, refletindo uma cultura onde a autoimagem e a autoexpressão se tornaram centrais. As *selfies* são usadas para afirmar a presença e a relevância do indivíduo num espaço digital público, algo que era menos prático de

realizar na era da fotografia analógica, onde o objetivo principal muitas vezes era capturar memórias para o futuro, e não necessariamente para partilhar no presente”. Lapa explica ainda que “pela ubiquidade dos dispositivos móveis e pela facilidade com que imagens podem ser capturadas e partilhadas, sem dúvida que é a geração mais fotografada de sempre. A qualidade das fotografias também melhorou exponencialmente, tanto em termos de resolução técnica quanto na sofisticação das ferramentas de edição e partilha, o que molda a nossa autorrepresentação, ou seja, a forma como nos vemos, e como apresentamos e representamos o nosso ‘eu’ e as nossas vidas aos outros”, um tema que não lhe é estranho. Fala com o arcaçouço da profissão. “Essa tem sido uma questão que tem preocupado vários investigadores que se debruçam sobre os impactos das tecnologias digitais na vida quotidiana das pessoas. Já há 15 anos, eu e os meus colegas do ISCTE, Gustavo Cardoso e Rita Espanha, tínhamos identificado num estudo a tendência para usar a câmara digital do telemóvel de forma regular, se não mesmo quotidianamente, entre os adolescentes. Estes estariam a tornar-se ‘turistas do quotidiano’. Estávamos perante a tendência da banalização da fotografia e do ato de fotografar e começámos a refletir sobre alguns dos potenciais impactos disso, que tanto podem ser entendidos como positivos ou negativos”, ressalva Tiago, explorando a vertente menos boa desta facilidade. “Quanto às memórias, em primeiro lugar temos a efemeridade e fragilidade dos arquivos digitais. (...) Este cenário pode criar o seguinte paradoxo: por um lado, temos mais fotos do que nunca, mas, por outro lado, também corremos o risco de perder um volume maior de memórias caso não sejam implementadas práticas robustas de preservação digital. Em segundo lugar, existe a questão da memória coletiva e da privacidade. As fotografias digitais são frequentemente partilhadas em plataformas públicas ou semipúblicas, plataformas de redes sociais como o Facebook, Instagram ou WhatsApp, onde podem ser reutilizadas, manipuladas ou acedidas por terceiros sem consentimento. Isso pode comprometer a privacidade individual e transformar as memórias pessoais em mercadorias ou *commodities* públicas, onde o controlo so-

bre como e onde essas imagens são partilhadas, usadas ou até mesmo manipuladas é, muitas vezes, perdido. Aliás o que se expõe nessas plataformas não serve apenas para a recolha de dados e para o ‘*profiling*’ dos indivíduos para efeitos de *marketing* direcionado. Pode ser diretamente usado contra quem partilhou, e a partilha e exposição de fotografias pode ter consequências futuras que poderão não ser devidamente ponderadas por quem as expôs. Em terceiro, temos a questão da curadoria e autenticidade das memórias, uma vez que as fotografias são frequentemente escolhidas e editadas para retratar versões idealizadas de momentos e experiências. Ora isto é tanto uma questão relativa à construção de memórias individuais e coletivas, como um problema relativo à imagem que criamos de nós e dos outros. Isso pode levar a uma dissociação entre as memórias vividas e as memórias documentadas. Para as atuais e futuras gerações, a exposição predominante a essas imagens curadas pode criar uma visão distorcida da realidade, levando à idealização do passado ou à comparação prejudicial com os padrões de vida dos outros, como frequentemente ocorre em redes sociais *online* como o Instagram. Isso pode levar a uma desconexão entre o ‘eu’ *online* e o ‘eu’ *offline*, alimentando inseguranças e expectativas irreais, especialmente entre os jovens. Aqui é importante o trabalho com adolescentes e jovens no sentido de transmitir uma maior literacia sobre estas questões e de lhes dar as ferramentas reflexivas para que possam defender-se destas dinâmicas. Já para não falar da utilização de todo o tipo de tecnologias que alteram as fotografias ‘originais’.

ID: 113138605

01-09-2024

“Sem acesso a álbuns físicos, a transmissão de memórias familiares pode ser interrompida”

Filipa Jardim da Silva

Por último, quanto ao impacto nas relações sociais, há também a preocupação de que a abundância de fotografias e a facilidade de as partilhar nas redes sociais *online* também têm o potencial de influenciar profundamente as relações sociais. Inspirando-nos por exemplo, numa investigadora científica como a Sherry Turkle, a comunicação digital, incluindo aquela efetuada através de imagens, pode empobrecer a profundidade das interações, substituindo a conversação significativa por trocas visuais superficiais, sejam fotografias, *memes* ou *emojis*. Além disso, a pressão para manter uma presença digital atraente pode levar a uma *performance* constante da identidade, onde as pessoas sentem a necessidade de documentar e partilhar as suas vidas de maneira a satisfazer expectativas sociais, ao invés de as viver plenamente. Este comportamento pode fomentar uma cultura de validação externa, em vez de um autêntico autoconhecimento”, remata o especialista. Filipa Jardim da Silva também endereça outro ponto: “Ao armazenarmos tudo digitalmente, corremos o risco de perder a conexão emocional com essas memórias. Os álbuns físicos ofereciam uma experiência tátil e ritualística que reforçava os laços familiares e o valor das recordações. Sem essa tangibilidade, as memórias podem parecer menos significativas, e o ato de recordar pode ser menos profundo”, alerta a psicóloga clínica, um aviso também abordado por Tiago Lapa. “Estudos apontam para evidências de que o ato de fotografar excessivamente pode prejudicar a capacidade de lembrar os

eventos capturados, uma vez que o ato de fotografar pode interferir na atenção plena e na experiência do momento presente. Isso sugere que, paradoxalmente, quanto mais documentamos as nossas vidas, menos podemos estar realmente presentes nesses momentos. Outro efeito possível é um desligamento emocional das memórias fotográficas. A prática de visualizar fotos em formato digital, frequentemente de maneira rápida e em dispositivos móveis, pode não evocar as mesmas respostas emocionais que a visualização de fotos impressas em álbuns, sobretudo em momentos de partilha presencial com outros”, reforça Tiago.

Os argumentos são lógicos e fáceis de comprovar: basta viver no mundo tecnológico da sociedade ocidental do séc. XXI para rever na realidade estas aceções dos dois especialistas nas suas áreas. Mas a exposição dos efeitos nocivos potenciais ou em vigor, não significa que não haja um *silver lining* em tudo isto. Como em tudo, a saturação de uma *trend* também leva a um rompimento com a tendência em vigor por forma a equilibrá-la. No caso do digital *versus* analógico, não é à toa que vemos o regresso de alguns *oldies* como o vinil e os gira-discos, algo que também é verdade para o retorno das máquinas fotográficas de película 35mm. “É uma tendência que já pode ser observada em alguns segmentos da sociedade”, partilha o sociólogo. “A fotografia analógica está a experimentar um renascimento, impulsionado tanto pela nostalgia quanto pelo desejo de criar memórias duradouras num mundo digital efémero. Por exemplo, já ofereci à minha filha uma daquelas câmaras instantâneas, como as modernas versões das clássicas Polaroid, e que ela usa sobretudo nas férias. O conceito da câmara tipo Polaroid é muito interessante pois permite dotar a foto analógica de imediatismo. O resultado final obtém-se passados poucos minutos e é tangível, mas insubstituível. Cada fotografia tem um custo não negligenciável, cerca de 1 euro, e dá-se outro valor à foto, tornando o ato de fotografar mais deliberado. Isto incentiva uma abordagem mais reflexiva e cuidadosa na captura de momentos significativos. Pelo menos para mim, que tenho uma maior noção do valor do dinheiro do que a minha filha. Mas quando ela tira fo-

tografias com essa máquina, eu tento que seja um momento de aprendizagem para ela. Obviamente transmito-lhe que não deve desperdiçar fotografias pois têm um custo. E cada ‘rolo’ tem 10 fotografias, há um limite, com o qual ela tem de jogar. E, assim, aprende a dar valor ao ato de fotografar e de fotografar de forma deliberada. As fotos são mais focadas no grupo, na família e nos amigos e servem também para ela oferecer aos amigos e amigas ou para expor em casa. Este é um exemplo claro dessa tendência de retorno ao analógico. Claro que aqui também há um peso da nostalgia, que desempenha um papel significativo no retorno das fotos impressas entre outros artefactos. Essa ‘nostalgia’ está a impulsionar uma nova apreciação pelas fotos físicas, não apenas entre as gerações, como a minha, que ainda cresceu com a fotografia analógica, mas também entre os mais jovens, que veem essas práticas como uma maneira de desacelerar e de se reconectarem com experiências que permitem uma sensação de permanência e de tangibilidade”. Filipa Jardim da Silva partilha da mesma previsão animadora: “Acredito que podemos ver um retorno ao hábito de imprimir e arquivar fotos de família em álbuns, e isso pode ser motivado por um desejo crescente de nos reconectarmos com experiências mais tangíveis e duradouras. Imprimir fotos e organizá-las em álbuns pode tornar-se uma forma de resistência ao efémero e ao excesso de imagens digitais. É uma maneira de dar sentido e valor às nossas memórias, escolhendo cuidadosamente o que queremos preservar e como queremos recordar. Este retorno pode ser impulsionado por uma crescente consciência da importância de preservar o passado de forma tangível, e pelo desejo de criar conexões mais profundas com as nossas memórias e as nossas histórias familiares. Mais do que aquilo que acontece, importa a maneira como legendamos e arquivamos dentro de nós o que aconteceu, pelo que garantirmos memórias mais fidedignas e cuidadosamente arrumadas por nós, com consciência e sentido crítico, fará muita diferença na nossa saúde mental”. Afinal, há alguma esperança para as gerações futuras. Afinal, o onomatopéico clique não será apenas um anacronismo datado, mas antes continuará a imprimir não só imagens, mas também memórias. ●